

Resenha Semanal

Roberto “Bob” Carline
CGA, MBA, MSc

Rafael Pastorello
CNPI-P, CGA

Semana de **16/12/2024**

SEMANA DE 16/12/2024

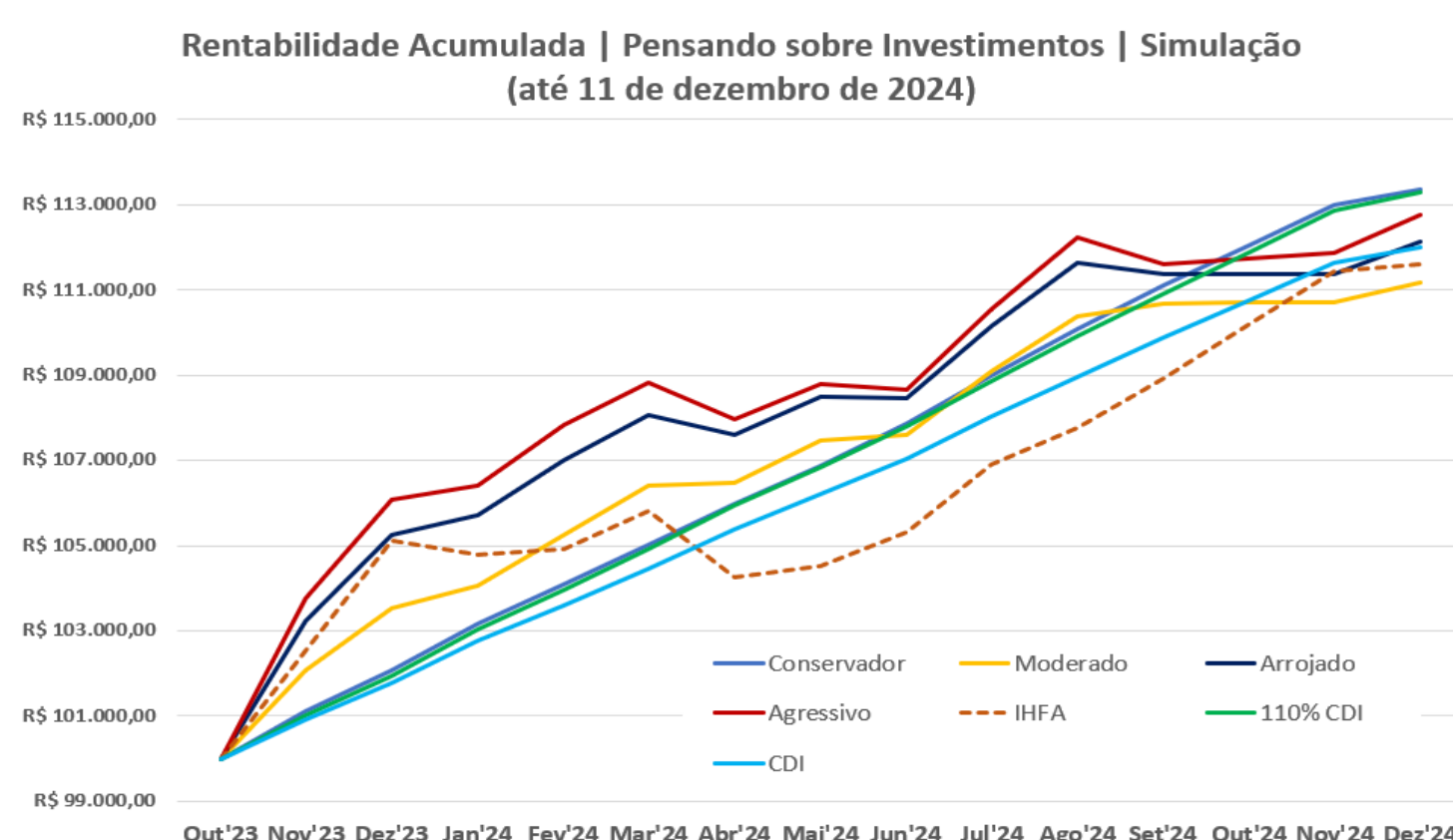
Ambiente Local

Como não poderia deixar de ser, a agenda da semana foi marcada pela **decisão do Copom**, que elevou a taxa Selic em 100bps para **12,25% a.a.** No comunicado, o BC surpreendeu ao sinalizar mais duas altas de 100bps nas próximas reuniões, enfatizando preocupações com a expansão fiscal e inflação.

Resultado do IPCA, crescimento do setor de serviços, vendas no varejo e IBC-Br, todos acima das projeções e "conversando" diretamente com o comportamento das curvas de juros brasileiras, que continuam pressionadas, mesmo após o comunicado do Copom. A falta de avanço nas negociações sobre o pacote fiscal segue no radar. A avaliação inicial dos agentes econômicos é de que com o recesso parlamentar se aproximando, dificilmente o congresso terá tempo hábil para deliberação do tema ainda em 2024.

Destacamos ainda que os três indicados do Presidente Lula para assumir a diretoria do BC em 2025 passaram por sabatina na comissão do Senado e foram aprovados. Nos discursos, reforçaram compromisso com a meta de inflação.

A percepção de risco medida pelo CDS5Y Brazil ficou estável em 163 pts. O Ibovespa cedeu (-0,98%) para 124.700 pts, o dólar caiu levemente, cotado aos R\$ 6,05. Elevação no prêmio para LTN 2027 em 14,98% a.a., enquanto a NTN-B 2035 IPCA+ 6,88% a.a. Temos até o dia 11 de dezembro:



Ambiente Internacional

Dados econômicos e ruídos vindos do continente Asiático, especialmente no Oriente Médio e China movimentaram os mercados durante a semana, enquanto Estados Unidos e Europa continuam suas trajetórias sem grandes alterações.

O regime imposto na Síria por Bashar al-Assad foi derrubado no início dessa semana por um grupo de rebeldes apoiados pela Turquia. Em linhas gerais, a perda de poder na região enfraquece em termos geopolíticos a Rússia - que apoiava al-Assad. Todavia, como temos reforçado, não acreditamos que conflitos territoriais causem grandes impactos estruturais sob a ótica de mercado, ainda que com severos danos humanitários. No continente Asiático, destacamos principalmente o fortalecimento do dólar sobre o Yuan, após agentes econômicos especularem que Pequim considera enfraquecer seu câmbio enquanto se preparam para possíveis tarifas de importação mais altas sob o segundo mandato de Trump. Além disso, a divulgação de dados de inflação ao consumidor, bem como exportações e importações abaixo do esperado corroboram para esse cenário.

Nos EUA, o CPI em linha com esperado acabou divergindo do PPI acima do consenso. Enquanto na Europa, conforme antecipamos, tivemos a confirmação pelo BCE de mais um corte de 0,25 bps nas taxas de juros - passando para 3,00% a.a. Ambas as regiões não trouxeram novidades no contexto econômico, apesar do leve contraste observado nos indicadores de inflação dos EUA.

O Índice S&P 500 encerra a semana em (-0,58%), aos 6.047pts, o VIX (Índice do medo) ficou estável em 13,74 pts. Já o Euro Stoxx 50 (-0,58%) e FTSE 100 (-0,10%). Índice DXY sobe (+0,91%) e chega a 107.01. Petróleo (WTI) em alta de (+4,20%) aos US\$ 70.78/barril.

O QUE OBSERVAR NA PRÓXIMA SEMANA?

Ambiente Local

No Brasil, agenda esvaziada no que tange a indicadores econômicos. Dessa forma, os movimentos de mercado tendem seguir incorporando os ajustes de expectativas quanto a tramitação da reforma tributária (aprovada semana passada na CCJ), bem como o pacote fiscal - que enfrenta resistências por parte dos deputados e senadores, resultado do bloqueio das emendas parlamentares pelo Supremo Tribunal Federal. Na semana passada, uma portaria flexibilizou a sua distribuição, e a dúvida que fica é sobre o "timing de aprovação". As articulações políticas continuam buscando agilizar o processo, **todavia, caso a votação não siga adiante, podemos observar uma quebra de expectativas, acentuando a volatilidade dos mercados de renda fixa, variável e câmbio.**

Atenções direcionadas também aos apontamentos da Ata do COPOM que sairá essa semana. Entendemos que o comunicado após a decisão de juros que elevou a Selic em 100bps fortaleceu a credibilidade do nosso Banco Central. Além disso, foi apresentada uma perspectiva mais harmônica para o cenário internacional e a **necessidade de um ambiente de juros mais elevados como contrapartida ao dinamismo da atividade acima do esperado** – o que alimenta a inflação e desfavorece o equilíbrio da economia brasileira.

Em paralelo, mesmo que com menor relevância, na sexta-feira será divulgado o Índice de Confiança do Consumidor - FGV - e **demonstrará como andam as expectativas atuais e futuras de consumidores e empresários da indústria em relação à situação econômica brasileira, ajudando a complementar a nossa visão de cenário macroeconômico no ambiente doméstico.**

Ambiente Internacional

A semana que se inicia no exterior será predominantemente marcada pelas decisões de juros nos Estados Unidos, Reino Unido e Japão. Dados de inflação e atividade nas principais economias globais completam a agenda.

Começando pelos EUA, teremos a divulgação do PMI, bem como núcleo de vendas no varejo e PCE. Contudo, como não poderia deixar de ser, o **destaque vai para a decisão do FED, que tende a confirmar mais um corte de 0,25 bps nos juros, com taxa-alvo chegando ao intervalo de 4,25% a 4,50%.** Ainda que em ritmo gradual, o processo de desinflação em andamento, aliado as boas expectativas do mercado observadas nas curvas de juros continuam **abrindo espaço para manutenção do ciclo de flexibilização monetária.**

Na Ásia, atenção as vendas no varejo na China, uma vez que os novos estímulos fiscais e monetários anunciados devem ser implementados somente em 2025. **Protagonismo fica por conta da decisão de juros no Japão,** que mesmo expandindo o PIB no 3ºT acima das expectativas, sinalizou preocupações com o consumo, ainda aquém do esperado. **As discussões sobre mais uma elevação seguem vivas, contudo, consenso aponta para manutenção de juros em 0,25 bps.**

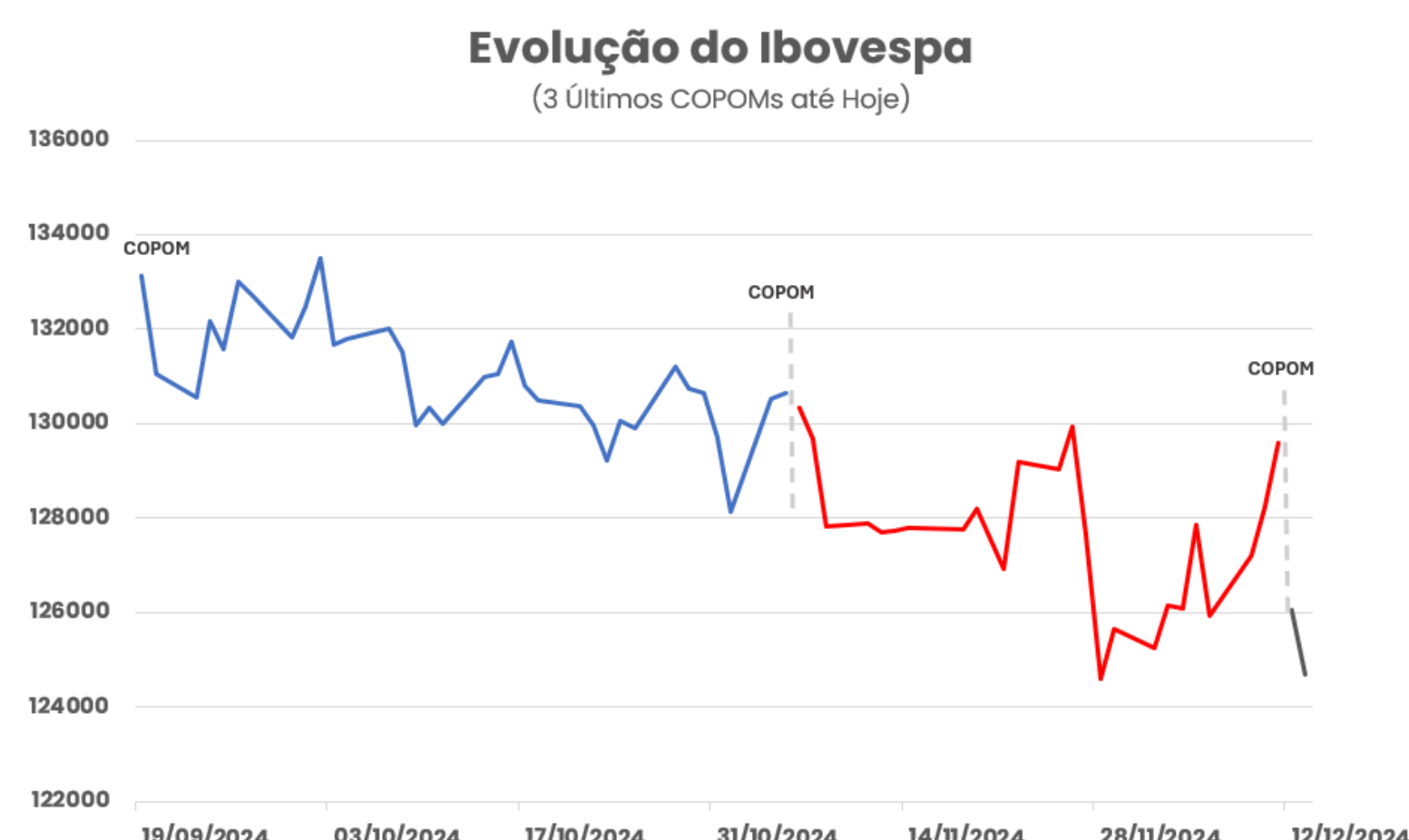
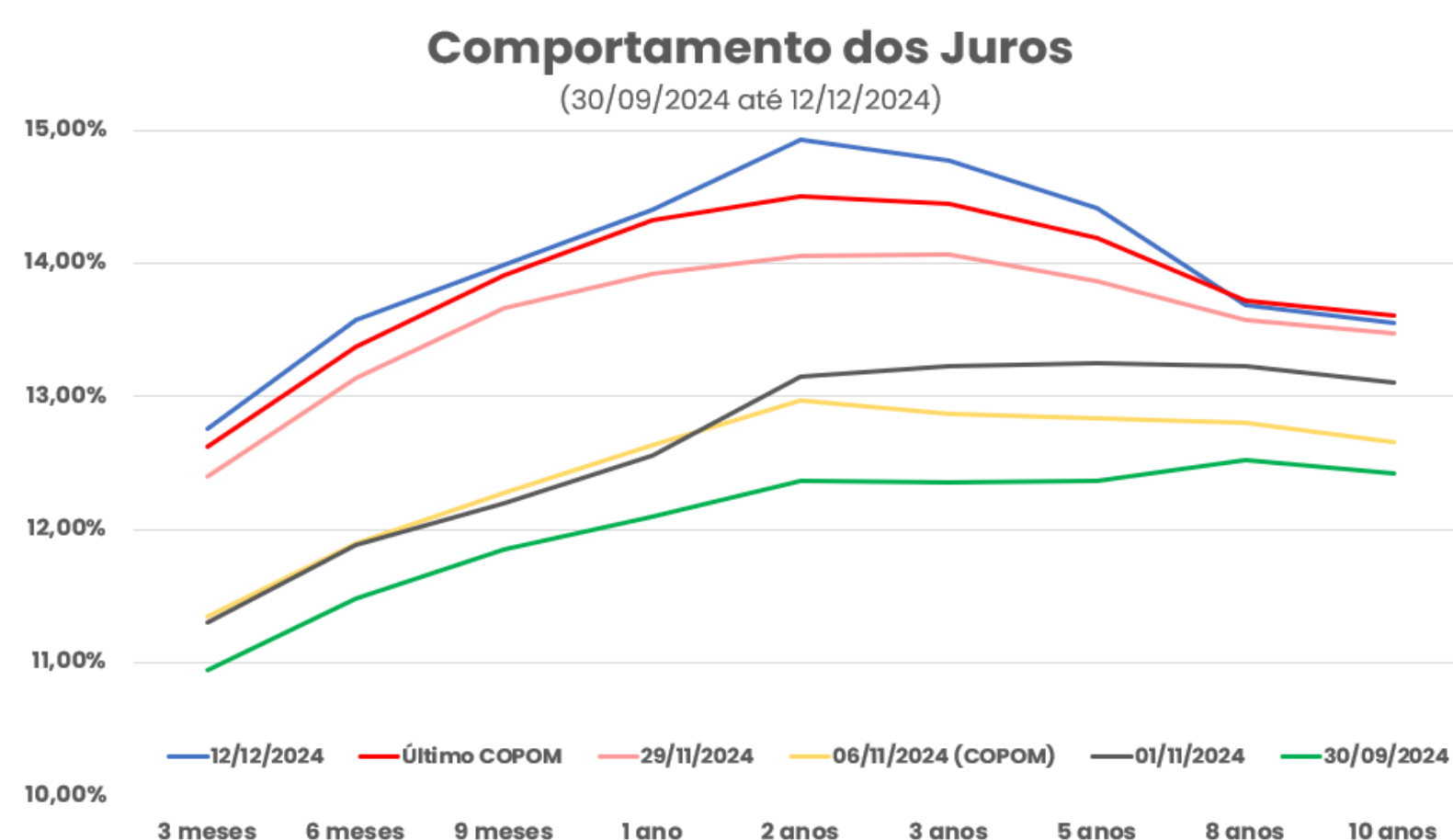
Na Zona do Euro, os números referentes ao CPI e PMI continuam a nos trazer indícios sobre o processo de recuperação econômica do Bloco. **Finalmente chegamos ao Reino Unido,** que após obter melhoras nos dados de inflação e reduzir os juros no mês passado, **apontam para uma manutenção no patamar atual em dezembro.** A leitura parte das falas dos membros do BoE, que tem adotado postura cautelosa e sinalizando cortes em ritmo mais lento, ainda com receios de repiques inflacionários.

SIMULAÇÃO DE RETORNOS

	RETORNO ABSOLUTO										Índice de Sharpe	
	Acum'23	Acum. 1º Trim.'24	Acum. 2º Trim.'24	Acum. 3º Trim.'24	Out'24	Nov'24	Dez'24	Acum. 4º Trim.'24	Acum'24	Acum. Desde Início		Vol. Estimada (12 meses)
Conservador	2,06%	2,88%	2,79%	3,00%	0,99%	0,84%	0,33%	2,17%	11,28%	13,58%	0,25%	5,68
Moderado	3,53%	2,77%	1,15%	2,88%	0,45%	0,01%	0,42%	0,88%	7,90%	11,70%	1,52%	0,52
Arrojado	5,26%	2,67%	0,34%	2,69%	0,32%	0,01%	0,68%	1,01%	6,85%	12,48%	2,46%	0,63
Agressivo	6,06%	2,60%	-0,15%	2,69%	0,26%	0,12%	0,79%	1,17%	6,44%	12,90%	2,83%	0,70
	RETORNO COMO %CDI											
Conservador	115,90%	109,89%	110,05%	115,28%	105,99%	106,10%	97,31%	104,62%	110,65%	111,68%		
Moderado	198,54%	105,74%	45,50%	110,74%	48,44%	1,49%	122,72%	42,52%	77,43%	96,28%		
Arrojado	296,07%	101,68%	13,62%	103,24%	34,09%	0,91%	200,49%	48,63%	67,23%	102,66%		
Agressivo	341,06%	99,28%	-5,85%	103,45%	27,88%	15,16%	232,61%	56,59%	63,20%	106,11%		
	PRINCIPAIS BENCHMARKS											
CDI	1,78%	2,62%	2,53%	2,60%	0,93%	0,79%	0,34%	2,07%	10,20%	12,16%	0,03%	
Ibovespa	18,59%	-4,53%	-3,28%	6,38%	-1,60%	-3,12%	3,12%	-1,69%	-3,42%	14,53%	12,48%	
IHFA	5,12%	0,68%	-0,47%	3,42%	0,29%	1,40%	0,13%	1,83%	5,52%	10,92%	2,67%	0,46
IHFA (%CDI)	287,79%	25,77%	-18,60%	131,25%	31,26%	177,38%	38,53%	88,23%	54,14%	89,82%		

Fonte: Sofisa Direto | Data de referência: 11 de dezembro de 2024 (10 de dezembro de 2024 para o IHFA).

Mesmo com a sinalização do comprometimento do BC com a meta de inflação, antecipando os prováveis movimentos nas próximas duas reuniões de juros, não foi suficiente para acalmar os ânimos do mercado. (Gráfico - Comportamento dos Juros e Evolução do Ibovespa). No que tange a performance das nossas carteiras, a troca do veículo Multimercado efetivada no início desse mês **já vem capturando excelentes resultados, com o acumulado de dezembro até o dia 11, destaque para os perfis arrojado e agressivo superando 200% do CDI.**



Conforme temos abordado nas últimas semanas, e sendo reforçado na quarta-feira após a decisão do Copom, a intensidade dos movimentos de mercado devem permanecer incorporando os ajustes de expectativas quanto a tramitação da reforma tributária (aprovada semana passada na CCJ), bem como avanços relativos ao pacote fiscal. Apesar da credibilidade da autoridade monetária no Brasil ter sido reforçada essa semana, o Banco Central tem a "capacidade" de ancorar as expectativas até certo ponto - a partir do qual, os agentes econômicos passam a ajustar os preços de acordo com o risco do ambiente - **juros altos e desconforto fiscal.**

Diante do apresentado e visando contextualizar as oportunidades disponíveis, **o investidor deve fazer algumas reflexões importantes.** Ainda que o cenário doméstico esteja desafiador, com as incertezas trazendo oscilações de curto prazo, muitas vezes não favoráveis para a renda fixa prefixada e também aquela atrelada a inflação (IPCA), os níveis de taxas para esses dois tipos de investimentos estão em patamares raros e, para quem suporta movimentos negativos no curto prazo mas tem horizonte de investimentos de médio e longo prazos, **são alternativas altamente atrativas de investimentos.** O mesmo vale para as estratégias de multimercado que tem maior peso nessas modalidades de renda fixa brasileira. Já para a bolsa de valores, o impacto acaba sendo diferente, exigindo ainda mais seletividade e resiliência; assim, as estratégias que são beneficiadas em momentos sem tendência de valorização acabam por ser favorecidas – **como temos observado por exemplo no Fundo de ações Az Quest Top Long Biased – com retorno acumulado de 29,06% desde o início da recomendação.**

Por fim, acreditamos nosso portfólio recomendado está adaptado a atual conjuntura econômica brasileira e internacional, alinhando de forma consistente o potencial retorno dos ativos com os riscos identificados.

Transforme suas finanças
e impulsione o crescimento da sua
empresa com o Banco Sofisa.

Para você

Para sua empresa

AVISO LEGAL

Esse material não deve servir como única fonte de informações no processo decisório do investidor que, antes de tomar qualquer decisão, deverá realizar uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos, face aos seus objetivos pessoais e ao seu perfil de risco ("Suitability"). É importante ressaltar que rentabilidade passada não representa nenhuma garantia de desempenho futuro. Assim, não é possível prever o desempenho futuro de um investimento a partir da variação de seu valor de mercado no passado. O Banco Sofisa não assume que os investidores vão obter lucros, nem se responsabiliza pelas perdas. LEIA O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES, LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR. RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO – FGC.

Todas as informações, opiniões e valores eventualmente indicados estão sujeitos à alteração sem prévio aviso. Ressaltamos também, que as opiniões expressas neste material refletem a opinião do respectivo profissional que produziu este relatório e não necessariamente expressam a opinião do Banco Sofisa, não devendo ser tratadas como tal.

